



Nº 03

Março

2022

Mais um capítulo do que as pesquisas eleitorais nos mostram

*Humberto Dantas*¹

Em janeiro a edição de Brasil em Foco fez uma provocação sobre como devemos olhar as pesquisas de intenção de voto para além do principal cenário testado. Que detalhes seriam relevantes apreender para uma percepção ampla do fenômeno eleitoral? Estamos fechando o mês de março e já tivemos 20 pesquisas para o pleito presidencial registradas e divulgadas esse ano. O que elas nos mostram? Quatro fenômenos chamam a atenção nesse instante e permitem análises que estão longe de representarem verdades absolutas. São apenas formas de tentar enxergar o fenômeno. Vamos a elas:

Não existe “terceira via”

Lula (PT) e Bolsonaro (PL) estão consolidados na liderança das pesquisas até esse momento. Um fenômeno extraordinário precisaria ocorrer e o tempo joga contra quem não despontou até agora. É fato que em agosto de 2018, Haddad tinha apenas 4% dos votos e Bolsonaro 20%. Mas também é verdade que naquele instante Lula ainda não atuava como cabo eleitoral do PT, sendo percebido como o que chamamos aqui de “fenômeno extraordinário”. Existe algo assim hoje? Bolsonaro chegaria a 35% às vésperas do primeiro turno, em parte por causa de um atentado, mas também impulsionado pelo voto útil antipetista. O tempo mostrará se existe algo capaz de mudar o cenário hoje. Mas por ora, se tomarmos as pesquisas de 09 de janeiro a 20 de março, e as transformamos em médias móveis de três resultados, Lula oscila entre 45% e 49% no período e Bolsonaro entre 24% e 30%. A soma dos dois circula entre 67% e 71%, o que significa dizer que mais de dois terços dos eleitores roda por duas vias. Ciro Gomes (PDT) e Sérgio Moro (Podemos), nesse mesmo período, aparecem empatados e distantes das principais candidaturas. Ciro oscila de 5% a 8%, enquanto Moro de 7% a 10%. Em partes, o eleitorado de ambos é relativamente semelhante àquele dos principais nomes. Moro tira e entrega voto

a Bolsonaro. Ciro faz movimento semelhante em relação a Lula. Em duas pesquisas recentes, a Quaest/Genial (QG) finalizada em 13/03 e a FSB Comunicação concluída em 20/03, é possível notar que hoje o voto nos líderes está bem consolidado. Na primeira, 73% dos eleitores de Lula e 70% dos eleitores de Bolsonaro dizem que não mudam mais o voto. Na FSB, Bolsonaro tem 83% de certeza e Lula 80%. Isso daria, em tese, seguindo os resultados de cada instituto, que na QG Lula teria 32% dos votos garantidos (73% de seus 44 pontos) e Bolsonaro 18% - 70% dos seus 26 pontos. Na FSB, Lula teria 34% e Bolsonaro 24%. Ciro e Moro têm consolidação de voto na casa de 40% na FSB e na faixa de 30% na QG, ou seja, mais da metade do eleitorado desses dois candidatos afirma que mudaria de voto. E para onde? Em múltiplas direções, mas eleitores de Moro mudariam mais para Bolsonaro em caso de voto estratégico, o mesmo ocorrendo em relação a Lula com os preferentes de Ciro. Assim, nenhum desses dois atores parecem encarnar o que se convencionou chamar de “terceira via”. Ambos parecem pistas auxiliares, a despeito de ataques e tentativas de tomar o espaço do respectivo nome central.

Não existe um crescimento real de Bolsonaro

Diante de tais fatos, uma questão adicional seria compreender se Bolsonaro vive um instante de crescimento real nas intenções de voto, como têm sugerido algumas análises. Olhando apenas para as médias de intenção de voto, seria possível dizer que sim. Em janeiro, a média das três primeiras pesquisas divulgadas lhe dava 24% e hoje ele atinge 28%. Se consideradas apenas os primeiros estudos de Genial, Ipespe e Poder Data, todos praticamente da primeira quinzena de janeiro, comparados

¹ Humberto Dantas – cientista político, doutor pela USP e parceiro da KAS



com as mesmas empresas em seus levantamentos mais recentes da primeira quinzena de março, veremos um avanço de 25% para 28%. Mas destaca-se que Moro cai de algo perto de 10% para 7% no período, ou seja, a questão é entender se Bolsonaro ganhou espaço ou se recuperou algo que seu ex-ministro lhe havia tirado. Isso reforça a percepção do tópico anterior. Fenômeno semelhante ocorre do outro lado do espectro: em janeiro Lula tinha média na casa de 49% e Ciro em 6%. Hoje o petista tem 46% e o pedetista cerca de 8%.

Tais percepções não indicam que Bolsonaro não vai crescer nas pesquisas, como aposta o próprio Lula. O poder da máquina federal é intenso e pacotes na casa da centena de bilhão de reais estão anunciados. A oposição acusa o Planalto de uso da máquina, a narrativa e os gestos são antigos. Ademais, a intensidade de ataques e a força em ambiente virtual do atual presidente são elementos poderosos e capazes de trazer adeptos. Mas hoje, o movimento de crescimento de Bolsonaro não parece ser real. Primeiro porque ele não faz cair sua rejeição, segundo porque a melhora na avaliação de governo, considerando pesquisas mais recentes, mostra oscilação positiva extremamente discreta. Existe? Sim, mas em ritmo moderado e capaz de ser abalado por notícias econômicas como o preço dos combustíveis, a inflação, o mercado de trabalho etc.

Existe uma polarização acentuada

Se Bolsonaro recupera parte do eleitorado de Moro que, provavelmente, um dia foi seu, e Lula perde muito discretamente espaço para Ciro Gomes, seria possível observar esse cenário atual das eleições como uma polarização entre esquerda e direita, onde uma parte dos votos dos dois primeiros colocados estaria, nesse instante, alocada nas vias auxiliares. Olhar para as 20 pesquisas até agora sob a forma de médias móveis de três levantamentos mostra cenário bastante estável entre o início de janeiro e meados de março desse ano. É natural pensar que existe chance de algo mudar até outubro, mas nesses primeiros 80 dias de 2022, a soma de votos de Lula e Ciro oscila entre 45% e 50%, e a junção das posições de Bolsonaro e

Moro entre 33% e 37%. Isso é muito estável, destacando um ponto adicional fundamental e ainda mais estável que nesse instante inviabiliza a lógica da “terceira via”: a soma desses quatro nomes varia entre 82% e 85% dos eleitores. E em termos de votos válidos, chegamos a algo entre 93% e 95%. O centro do espectro ideológico, nesse caso, estaria vazio. Não à toa candidatos fazem acenos para eleitores menos radicais em alguns instantes, a despeito de também dialogarem e fletarem com radicalidades – aqui Bolsonaro se destaca.

Existe sensação intensa de voto contrário

Diante de tais percepções, importante salientar o voto contrário. O fenômeno é relatado em intensidade expressiva por analistas desde os anos 90 em diferentes países. Não se vota em algo, mas contra alguma coisa. Aqui Bolsonaro perderia para sua própria rejeição. Das 20 pesquisas desse ano, 16 testam o fenômeno. A média de Bolsonaro é de 57%, a de Lula de 42%. O atual presidente, hoje, perderia a eleição para ele mesmo. Utilizando apenas os cinco estudos mais recentes, todos feitos em março, Bolsonaro tem 58% e Lula 44%. Na pesquisa QG, um terço dos eleitores que não votariam nas duas principais vias indicaram mudar de voto em favor de Lula para solucionar o pleito em primeiro turno. Nesse mesmo contingente, 23% afirmaram votar em Bolsonaro para tentar evitar a vitória do petista. No primeiro bloco Lula dialoga melhor com o eleitorado de Ciro, e no segundo o atual presidente tem maior apoio dos simpatizantes de Moro. Os dados aqui mostram, hoje, que o antipetismo de outrora está atenuado, e há sentimento antibolsonarista mais agudo. O cenário eleitoral não está consolidado. Longe disso. Há seis meses inteiros até o pleito de outubro, mas a se medir pelo que as pesquisas trazem, a tarefa de escapar dessa intensa polarização tende ao improvável.

As opiniões externadas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade de seus autores. Não são necessariamente opiniões da Fundação Konrad Adenauer.